

ANGÚSTIA: O RISCO QUE NÃO SE BORDA

Lenice Pimentel Cabral (UFAL)

Ao falarmos sobre o tema da ANGÚSTIA, de certa forma, é nossa própria angústia que mobilizamos ao ocuparmos este lugar que pretende enunciar algo sobre a temática. Angústia que nos guia em busca de um Risco.

No presente momento, valemo-nos da literatura, através do conto de Autran Dourado, "O salto do touro", para falarmos sobre um tema que incita a curiosidade daqueles que acreditam encontrar no campo das letras a valorização do simbólico, fazendo emergir entre o enunciado e a enunciação o fato interpretativo, tão rico à psicanálise. Fato este que aproxima estes dois campos do saber quando entendemos a interpretação como ATO CRIATIVO, como desde sempre Freud demonstrou.

O texto com seus diversos significantes, supõe, em última instância, a "transcrição" do imaginário na sua interminável luta para expressar na escrita o que na palavra se encontra limitado. É a luta vã de que nos fala Drummond. O que se torna patente é que cada texto se apresenta como húmus, ou como sêmen; para uma nova interpretação. Neste ato de desejo, onde nos propomos produzir um novo texto, sustentamos a função simbólica na ação de se repetir controlando o imaginário ao remeter o ato de leitura para o circuito dos significantes. Ou, como diria Lacan, remetendo-o à "Letra" como "traço material das práticas de significância".¹⁷ Como "práticas de significância" a

¹⁷ Esta citação de Lacan se encontra *In*: BRAZIL, H. V. *Dois ensaios entre Psicanálise e Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.54. A citação visa mostrar o movimento do psiquismo em busca do significante. A partir daqui a paginação será indicada no corpo do texto.

Psicanálise marca seu encontro com a já antiga Literatura, ao se colocar entre o conhecido e o desconhecido. Os significantes de uma obra estão na mesma ordem daquilo que em Psicanálise se encontra em relação ao imprevisível do não-dito, do não-escrito, do interdito e, às vezes, nos confrontando com o incompreensível que só se expressa em “efeitos de sublimação”.

Neste momento, tomamos o conto “O salto do touro” para tecermos nossos comentários. Este conto se insere num texto mais amplo intitulado *O risco do bordado*, no qual Autran Dourado se utiliza de uma epígrafe de Mark Twain capaz de orientar o olhar que se esgueira para o texto. Ele diz: “*Quando eu era mais jovem, podia lembrar-me de qualquer coisa, tivesse ou não acontecido; mas agora as minhas faculdades estão decaindo e em breve só serei capaz de me lembrar das coisas que nunca aconteceram*”. Ao interpolar o novo texto a ser construído, vemos surgir o diálogo a partir da epígrafe/texto situando o tempo da narrativa presente, sem no entanto renegar o passado, húnus da memória, matéria da qual surge o conto.

Isto nos permite a passagem do literário para a Psicanálise naquilo que ela diferencia “realidade psíquica” da “realidade material”. Lembrar das coisas que nunca aconteceram, marca decisivamente a oposição entre o tempo psíquico e o tempo histórico na organização do psiquismo. No tempo psíquico deparamo-nos com o “desconhecido, o “impensado”, o reprimido/dominado como parte determinante da subjetividade” (p.14), que se pretende constituir com os traços do inconsciente, no qual a verdade é relativizada.

Ao voltar o olhar para o passado, João Nogueira, personagem/escritor, deixa entrever anseios e angústia da tia Margarida frente ao cerne dramático do ser humano que, na necessidade de construir uma identidade, se depara com o labirinto em seu risco enganoso. Percebemos que a Mulher, mais uma vez, será relatada pela voz masculina.

Quando Freud formulou a pergunta para Marie Bonaparte “O que quer uma mulher?”, deixava claro que esse era um questionamento

proferido pelo homem. A linguagem, campo do simbólico, aponta para a falta do significante Mulher. Talvez este seja um caminho que possamos trilhar na tentativa de compreendermos a angústia da personagem feminina no conto. Se por um lado é mulher a personagem principal, a ela não é dada a possibilidade de fala.

Margarida é falada através da escrita da memória de João Nogueira. Uma escrita que deseja “deter em suas cores fugidias a figura de tia Margarida” (RB, p.157).¹⁸ sempre observada enquanto lia ou jogava paciência, no seu eterno mutismo. Agora, não mais menino, percebia o quanto a tia podia ser bonita. De sua cadeira observava

... o nariz ... feito como sob o risco de régua e compasso, as asas que se abriam ou fechavam como pétalas em sonho, no ritmo vagaroso da respiração calma, ou mais rápida, conforme a parte do livro que estava lendo, ou, ela sem ler, a aparição com certeza de um pensamento mais buliçoso” (RB, p.160).

Certamente, pensava ele, algo se passava no interior da tia.

Lentamente, descobria nela o espelho que refletia as angústias do menino que ia ficando nas névoas do tempo. Subitamente, se dava conta de que era nele que as mudanças iam se processando. Sentia o touro mugir nos labirintos da alma enquanto observava a tia em seus descompassos. Quem sabe, não eram outras as lembranças que teimavam em aparecer na superfície?

Como aquela outra lembrança mais recuada no tempo, uma pasta de dor dentro dele: esta ele esquecia, não queria nem mesmo nas noites insones, afogado em tentação e pecado, lembrar: o corpo que aos seus olhos de menino era a própria brancura. (RB, p.157).

Suspenso na angústia, João tenta traçar os riscos de Margarida para fugir do seu próprio risco enquanto desejo.

¹⁸ As citações do texto escolhido para ilustrar esse “risco” dar-se-ão através da sigla RB, seguida da paginação.

O lirismo da escrita, a argúcia psicológica e o sentimento das contingências humanas, nos conduzem para os “riscos” do inconsciente na busca de um novo “risco” capaz de “bordar” pontos e não-pontos do psiquismo barroco da personagem que permite múltiplas leituras.

Nesse “risco” que não se define, ou não se deixa apreender num novo texto, a angústia de Margarida projeta-se para o além do texto e se depara com o indizível: com o enigma que outrora Édipo enfrentou. A palavra escrita sendo simples eco para o fato exposto. Aqui, como nunca, vale lembrar Mallarmé, que diz ser o conto um mistério à espera de um leitor com a chave certa para deixar fluir as várias nuances da vida real ou imaginária, através da linguagem.

Aceitando essa perspectiva, podemos dizer que Psicanálise e Literatura florescem do solo lingüístico

constituída por signos que possuem história e emergem do remotíssimo passado, guardando vestígios de mitos arcaicos, ressonâncias de hinos a deuses antigos, ecos de espantos primitivos ou de descobertas aterradoras, crenças, temores, emoções, alumbramentos, diante da vida ou da morte, do prazer ou da dor, do conhecido e do desconhecido (p.10).

favorecendo o aparecimento do sujeito ao supor a presença de um inconsciente no texto.

Na tentativa de atrair o olhar para o drama feminino do conto, vamos encontrar Margarida bordada com os fios e as cores fugidias, esgarçadas nos tempos da lembrança do menino João. Detentor da palavra sobre o feminino, João apresenta Margarida como uma personagem que se oculta por baixo das roupas escuras, do coque, do silêncio, do jogo interminável de paciência - sempre ganho por ela - do olhar parado, da leitura repetida nos mesmos livros. Filha única entre varões, sente que a ela é dirigido um outro olhar: um olhar vazio de encantamento; um olhar que se marca como uma cicatriz no narcisismo feminino. Sente-se fora do desejo paterno. Margarida era

uma dedicação à cata de alguém a quem se entregar. O pai não precisava dela, tinha vovó Naninha; vovó Naninha também não, tinha vovô Tomé para os assuntos de rua, a preta Milurde para os serviços caseiros; tio Alfredo e tio Zózimo eram dois potros selvagens que não aceitavam dedicação de ninguém [...] não careciam de nada [...] era uma sombra leitosa que vagava de mansinho pelos corredores, pelos quartos, pelas salas, pela vida. (RB.p.161).

Erradio o seu Risco.

Nesta passagem vemos o que a Psicanálise designa do objeto "a",¹⁹ funcionando como sinal da angústia em sua relação com o que Freud chama de *libido Aushalt*, ou seja, algo que está na ordem de sustentação da libido, promovendo uma interrupção do desejo sexual bruto. Como Lacan nos indica, o desejo no seu estado bruto, só se aponta na angústia, o que é insustentável para o sujeito que é causa de desejo e é, ao mesmo tempo, o que está por trás do desejo.²⁰

O sentimento de não ser objeto do desejo paterno, torna-se, assim, no significante capaz de nos conduzir neste traçado que termina por nos lançar no labirinto do Minotauro para acompanhar a dor da castração que se insere para além da anatomia.

Fora da ordem do desejo, ela nega a linha identificatória com a mãe e se furta a reproduzir o que a realidade, conformada pelas ideologias e pelo imaginário social, destinaram para o ser feminino. Margarida não vai à missa, não conversa com outras mulheres, não aprende os afazeres domésticos. Prefere o mundo dos livros. Prefere o silêncio com suas possíveis verdades. Aprisionada nas redes do imaginário, se divide e se cola ao significante nome-do-pai. A proibição ao simbólico faz com que o sujeito permaneça atado à pulsão que o instituiu, remetendo-o ao inconsciente. Se o inconsciente é uma

¹⁹ Objeto "a" se refere ao sujeito do desejo na cadeia significante dentro da visão de J. Lacan.

²⁰ Elaboração encontrada in: J. Bellemin - Noël - p.45.

linguagem, ou, a linguagem é condição primeira do inconsciente, falta à Margarida que o Outro a inscreva no Simbólico; a institua no desejo; a torne um significante para o Outro. Lacan nos ensina que o “Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se do sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”).²¹

Assim, Margarida, ao buscar o percurso do significante, não encontra um “risco” que a borde, que a constitua como sujeito, integrada à estrutura familiar. Cega, tal como Édipo, tem na “outra cena” de que Freud nos fala, seu viés, ao deixar-se trair pela gagueira que de vez em quando dela se apossava em súbito nervosismo, sempre acalmada com chás de Maracujina, oferecidos pela mãe. Presa do inconsciente, não percebia quando os olhos, sempre boiando, “faiscavam grandes nas órbitas ... E a sua fala, antes apenas agitada e feita de ligeiros arrancos sabiamente dominados, virava uma aflita e angustiada gagueira” (RB.p.162), frente aos livros abertos. Aflição mesmo era quando subitamente seus olhos “procuravam alguma coisa que ela mesma não sabia o que era, estando em lugar nenhum. Aquele choro repentino, sem motivo aparente, que interrompia a janta” (RB.p.162). Ninguém mais observava o que se passava com a tia Margarida nos seus devaneios. Ela mesma, assustada, voltando das lonjuras, olhava ao redor à procura de um sinal qualquer que indicasse que alguém a tivesse visto.

Esse jeito de Tia Margarida despertava a curiosidade de João Nogueira que, de vez em quando, acreditava descobrir algum movimento na superfície de águas tão paradas. Chegava mesmo a perceber que a tia corria risco de não retornar. Isso lhe causava aflição e dor. Sufocava-o.

²¹ LACAN, J. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, pp.193-94.

Um dia, seus olhos foram surpreendidos pela “paradeza de águas mortas”. Tia Margarida, abandonada no próprio corpo, tinha o braço estendido,

suspense no ar, os olhos imóveis. Sensação de morte, medo sufocante. O terror de que ela estava se distanciando demais dentro do sonho, dobrando dunas e horizontes. A angústia crescia, tia Margarida se fundindo nas brumas, nos confins do tempo. Ninguém reparava [...] Tudo dependia dele, de repente senhor e dono da vida. Ela se perdendo nos horizontes do sonho, se dissolvendo nas paisagens fugidias, era capaz dela não voltar nunca mais.

Para vencer a angústia e trazê-la de volta ao próprio corpo, ele foi se chegando para junto dela, o joelho procurava alcançar a dureza do corpo. Devagarzinho, cuidadosamente, [...] Foi se chegando, encontrou finalmente a coxa de tia Margarida. Ela não se mexeu nem um pouco, parecia não reparar. [...] Ele sentiu de repente ela voltando. O latejar da carne, o repelão estremeçando todo o corpo. [...] Tomava posse do corpo, procurava se acostumar.

Depois ela foi abrindo os olhos. [...] As coisas tinham uma vida silente e brilhosa, nunca antes reparada. [...]

Aliviado mas ainda sob a magia daqueles olhos, João se esquecera de retirar o joelho. [...] Ela devia estar sentindo a pressão na coxa mas não se afastava. [...] ao contrário - pressiona um pouco. Ele sente o calor da coxa, o corpo vivo e quente, súbito vivo demais. [...] ele mal podia respirar. [...] Ela estava em si, será que tinha mesmo voltado? [...] Tinha medo de que tudo acabasse de repente.

Ela está percebendo? Queria ter a certeza. O prazer seria maior, o gozo mais fundo. Prazer e sensação difusa de pecado. [...] Aquele corpo branco e nu ressuscitava das sombras, vinha dos confins do tempo (RB.p.167-8).

Descrevendo Margarida, João não a compreende. Interroga-se sobre o feminino que o atrai e no entanto permanece enigma. Descobrir o que existe por trás da figura de camafeu da tia Margarida atíça o desejo de João para desvelar o que aqueles olhos, parados nas lonjuras,

prescrutam. Em vão. Jamais descobrirá, senão o que já existe dentro dele encoberto por espessas escamas. Associando Margarida com a imagem nua da mãe, e com aquela outra, da prostituta Teresinha Virado, ele se depara com o fantasma do desejo que um dia habitou seu corpo infantil e que ele prefere para sempre enterrado no mais fundo da alma. No presente, se atormenta diante da figura da tia ao sentir que dentro dele "tudo doía e ressoava: as duas figuras se fundindo num só corpo leitoso e nevoento na escuridão da memória. Em suas noites ele sofria. Meu Deus, como elas eram parecidas!" (RB.p.158), exclamava o menino que explodia no corpo de homem. Nele, o touro ensaiava o salto. O desejo resgatava os fios que "rescendiam a banho", quando "aquilo primeiro aconteceu.

Na busca do significante que dê luz à figura de Margarida, deparamo-nos com os "fios fugidios" que teimam em dificultar o seu RISCO. No entanto, a escrita de João é perspicaz. Ela descreve, escreve e re-escreve com pontos e não-pontos o bordado do conto. O fio condutor, nos parece, é a castração do ser feminino em busca do olhar desejante do pai. Silenciosa, ela ruma na direção da tragicidade do drama humano. Muda, ela não nomeia o desejo e não se deixa nomear porque não sustenta o olhar. Este se encontra sempre para além da cena do Real. No Simbólico ela não se diz. O Imaginário reina. Temos, então, Margarida cristalizada na angústia que aponta para a falha do simbólico. Silenciada, se apresenta dilacerada pela dor que se expressa no "corpo esticado em arco [...] Feito em gozo". A imagem emoldurada pela luz da janela, decerto não era para João. Na verdade ele

tinha medo de abrir os olhos e ver [...] dentro dele
espocavam gritos, joguetes na escuridão. Eram palavras
gritadas por bocas vermelhas, de dentro de negros labirintos
... ela se dava em espetáculo e agonia. [...] Na cara, [...] o
terror branco. Sem poder se afastar, a boca aberta com que
procurava articular um grito ... ela na verdade não gritou.
Não se afastou nem se cobriu. Quem teve de fugir foi ele,
como se ele é que estivesse nu. (RB.p.182).

Como Adão, o primeiro dos homens, pai de todos os homens, João escondia sua "nudez". Sentia que pecava e não podia parar. O cheiro de "dama-da-noite", "deitava fundas raízes no menino" que já sentia indo embora. Era o momento do touro feroz acordar dentro dele mugindo e resfolegando apressado. Temia ser surpreendido pelo avô. Hoje, diferentemente do tempo de menino, não consegue sustar o olhar da janela iluminada. Se o grito foi sufocado por Margarida é porque ele é apenas o representante da dor que se entranha no corpo.

Pactuados pelo olhar, ambos silenciam na esperança de que fora da linguagem nada exista. Jamais eles iam poder saber se tinham sonhado, se apenas imaginado. "No silêncio de cada um, sem mesmo a troca de um simples olhar, a palavra não sendo jamais possível, eles fizeram um trato" (RB, p.171). Trato este que assegurava que nada jamais aconteceria. "Quando acontecia se encontrarem sozinhos [...] um fugia do outro como se fugisse de uma culpa que se quer esquecida, um pecado terrível que os dois apenas começaram, jamais teriam ousado cometer" (RB, *ibid.*).

Fugindo do olhar e da palavra que dão significado ao ato, Margarida assegura seu lugar de falta para o desejo paterno, enquanto João, metaforicamente, vivencia seus desejos edípicos.

João começa a sentir que os fios do "bordador-poeta" não bordam os riscos misteriosos da tia Margarida e descobre, paralisado, surgindo o seu próprio Risco. Coisas do Inconsciente! Mas insiste no risco deste Outro ao trazer o poder da metáfora para compor a "figura que ele ia montando com a paciência de um relojoeiro, uma imagem a que ele procurava amoldar a própria alma ainda naquele tempo sanguinolenta da placenta do antigo menino" (RB, p.183).

Tortuoso é o Risco do bordado quando este se transforma em questão de uma nova escrita, fazendo surgir no imaginário, através da memória associativa, um novo sentido para "quando aquilo primeiro aconteceu" frente aos seus olhos de menino. A escrita, como traço, persegue o significante que institui o sujeito. Se é como aprendemos com a Psicanálise, que o sujeito só existe na cadeia significante a partir

da falta, Margarida encarna essa falta expressa na vivência da angústia numa forma que somente o ser humano pode viver. Em busca do olhar do pai ela se junta ao “rabo confuso da procriação”, para que, acorrentada, todos a vejam na sua dor. A cena tinha o olhar do pai como alvo. “E João viu, vovô Tomé viu” (RB, p.188). No entanto, eles não se olharam. A falta se risca para sempre.

O lugar vazio continua a ser preenchido pela busca incessante de olhar que Margarida lança para o pai. Podemos perceber nesta passagem o que Lacan designa como o excesso, a borda, a hiância onde a constituição da imagem especular tem seu limite, demarcando, assim, o lugar eleito da angústia.

Dessa cena depreendemos que o sujeito / Margarida encontra-se colada ao pequeno “a”: a ele se reduzindo. Mais uma vez é Lacan que vai nos mostrar que “a confrontação do desejo do pai, sobre o qual tudo em sua conduta está construído, com essa lei que se presentifica no olhar do pai, é isso, pelo que ela se sente definitivamente identificada, e ao mesmo tempo rejeitada, dejectada fora da cena.”²²

No ato de se acorrentar, Margarida radicaliza a falta e arrisca a morte como última possibilidade de se fazer sujeito. Destino trágico esse do Ser humano que precisa morrer para existir no desejo do Outro: para provocar no Outro os últimos acordes de amor capaz de salvá-lo da angústia: sentimento esse que não se deixa dicionarizar. A falta é sua marca. Falta que marca o tropeço do Simbólico, e que tem no acorrentamento de Margarida a permanência da ANGÚSTIA.

Margarida encontra-se acorrentada ao “limite ilusório do mundo do reconhecimento” que se faz no Outro. Assim, a angústia se inscreve no campo do imaginário, conforme os escritos freudianos ao se projetar para além da superfície do Sujeito. Inscreve-se como um fenômeno de borda.

²² LACAN, J. A angústia (1962/63) Seminário X. Lição XVIII. Mimeo.

A riqueza maior desse conto é bordar-se nas palavras reveladas e ocultadas pelo “poeta bordador” que vai se movimentando de forma sinuosa em meio ao Risco. Nas palavras de Nóbrega,²³

seu movimento é ser palavra, deixar de ser palavra, ser novamente palavra. É ser silêncio, deixar de ser silêncio, ser outra vez silêncio. Tessitura e tecido, palavra e linha, veneno e antídoto, sob o poder da medida do poeta bordador. O ponto se oculta e se revela [...] revelando-se e ocultando-se empreende o Risco. Entre tudo, a força da linguagem.

Na sua força, a linguagem vai desenterrando o passado à medida que tece o bordado com a memória / linguagem e a imaginação / escritura na tentativa de deter as “águas negras da angústia” (RB.p.174). O medo branco e sufocante não encontra apoio no Real. Assusta o “poeta bordador” que já se sabia impotente para esse RISCO circular e labiríntico sobre a mulher, e quem sabe, para o seu próprio Risco?

Representação simbólica, o fio que tece a escrita é de estrutura análoga à do Inconsciente; sempre inapreensível.

Acreditamos que as metáforas foram o nosso escopo neste trabalho de traçar um risco para a angústia através da escrita, condição primeira para a instauração de novos significados, vasculhando o inconsciente como domínio da Psicanálise.

Concluindo, podemos dizer que o Risco do bordado é a vivência da ANGÚSTIA: fugidio na sua rede de significações, e por isso mesmo fascinante, nos mantém atados / acorrentados à letra do texto fazendo circular o significante ao retornar com as “coisas que nunca aconteceram”. No processo de escrever, João constrói a alteridade repetindo a lição proustiana e situando a literatura num locus

²³ NÓBREGA, Francisca M. do N. *O risco do Bordado: a marca do homem*. Dissertação de mestrado (mimeo). Faculdade de Letras da UFRJ. 1977. p.35.

privilegiado da linguagem. Lugar este que pode revelar o inconsciente como um lugar da verdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLEMIN-NOËL, J. *Psicanálise e Literatura*. Trad. Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BRAZIL, H. Vital. *Dois ensaios entre psicanálise e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CHULAM, Tania M. Olivier. *Escritos sobre os Escritos de Lacan: Roteiro de leitura: vocabulário e temas*. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida, 1981.
- DOURADO, Autran. *O risco do bordado*. 6. ed. São Paulo / Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.
- FREUD, Sigmund. "Conferências Introdutórias sobre a psicanálise". (1915/17) Conferência XXV (A ansiedade). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XVI, 1976.
- , "Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise." (1932/33). Conferência XXXII (Ansiedade e Vida Institucional). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XXII, 1976.
- , "Inibições, sintomas e ansiedade" (1925/26). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XX, 1976.
- , "O estranho" (1919). In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII, 1976.
- LACAN, J. *A angústia* (1962/63) - Seminário X. Documento de circulação interna do CEFR.
- , *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Seminário - (1964) - Livro 11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- , *O avesso da psicanálise*. (Seminário - (1969/70) Livro 17). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

NÓBREGA, Francisca M. do N. "O risco do bordado: A marca do Homem". Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1977.